

Editorial

## **Virando o jogo: de uma visão pessimista para a perspectiva das possibilidades sobre a inclusão escolar**

**Daniel da Silva Costa**

Educador Especial do Colégio Militar de Santa Maria: Seção de Atendimento Educacional Especializado  
Licenciado em Educação Especial, Mestre em Educação (UFSM) e Doutorando em Educação (UFPEL)  
E-mail: [daniel.pesquisa.autismo@gmail.com](mailto:daniel.pesquisa.autismo@gmail.com)

Falar sobre inclusão escolar me remete no mínimo a duas perspectivas: de pai e de educador. Muito se fala nos embates vivenciados pelos pais de alunos incluídos e também das tensões e sobrecargas no dia a dia dos professores. Introduzo esta narrativa declarando que se uma pessoa acha difícil estar de um lado, imagina estar dos dois. Este é o meu caso e receio que seja um pouco mais complicado. Mas também tem suas vantagens, podemos nos comunicar com dois públicos diferentes, entendendo a linguagem de cada uma das “tribos”, por exemplo.

Desta maneira, me dirijo aos pais e professores para tentar falar sobre um assunto muito complexo, por vezes dolorido: *inclusão*.

Ser pai/mãe de aluno incluído é uma das experiências mais desgastantes e estressantes que uma família pode vivenciar, penso eu. Muitos temores costumam acompanhar os pais, desde os anos iniciais. A literatura relata que os alunos com deficiência há muito são estigmatizados pela concepção da “impossibilidade e da não-aprendizagem” (MARIN; MASCARO; SIQUEIRA, 2013, p. 96). O processo de escolarização de estudantes com deficiência é caracterizado por lutas de famílias e professores. Cada família tem sua história de vida. Isso é verdade! Talvez seja mais apropriado e confortável falar da minha e deixar que o leitor encontre os pontos em comum na sua jornada. No meu caso, posso afirmar que por vezes a experiência me mostrou ações, atitudes e discursos presentes no ambiente escolar que, em conjunto, dificultaram o processo inclusivo de meu filho.

A desinformação de alguns professores a respeito da deficiência e, até mesmo, a “invisibilidade” do aluno diante deles agravam a preocupação familiar. Muitas vezes não se trata de conhecimento específico, mas de uma pequena dose de sabedoria e sensibilidade humana para perceber e apoiar o estudante nos detalhes simples do dia a dia. A falta de aproximação entre o docente e o responsável prejudica ainda mais a relação família/escola, potencializando uma sensação de desconfiança, que tende a se intensificar com o tempo.

Embora possa existir apoio ao aluno incluído, as atitudes muitas vezes demonstram que ele deveria estar em outro local - por exemplo, a prática frequente da entrega dos alunos deficientes nas

mãos das mediadoras (NUNES et al, 2013). Por vezes, há falta de clareza dos papéis dos profissionais diante da inclusão escolar, principalmente, em relação à aprendizagem do aluno com deficiência.

Uma das primeiras reações que o professor pode manifestar em relação à educação inclusiva é a de “recusar tais alunos, podendo tal recusa ser explícita ou velada” (NUNES et al, 2013). Sobrepõem-se a tudo isso o desgaste sofrido pelos pais por explicar de forma contínua, ano após ano, as mesmas informações do seu filho para professores diferentes da mesma escola. As boas práticas aplicadas em determinado momento, lugar, e por certo professor, infelizmente, perdem-se com o tempo, por falta de registro e continuidade nas ações.

Os diversos discursos existentes na comunidade escolar também se materializam muitas vezes como barreiras reais de impedimento. Um grupo muito comum de discurso presente nas escolas pode ser observado no artigo de Costa e Oliveira (2019), que traz a culpabilização do aluno pela deficiência, as lacunas na aprendizagem, a utilização da abordagem jurídica como escudo, a desvalorização do professor como justificativa e a atuação pelo viés do diagnóstico clínico como aspectos centrais de um discurso escolar impeditivo em relação à inclusão. Outros discursos também podem ser identificados facilmente, caso o leitor encontrar na escola, por exemplo: “não tenho formação na área”, “não temos vaga”, “não estamos preparados para receber seu filho”, “seu filho tem muitas lacunas no aprendizado”, “ele tem deficiência, logo não aprende”, “está tudo ‘bem’ com seu filho, não se preocupe” (utilização de informações genéricas e superficiais), “[...] - ah, eu não sou especializada para trabalhar com aquele aluno”.

Quando os pais vivenciam a inclusão de seu filho neste contexto, o mundo da família sempre é muito sombrio e desesperançoso. Nessa cosmovisão, o problema para inclusão do estudante na escola parece ter culpado e justificativa: o próprio aluno, porque é deficiente. Ironicamente, a parte mais frágil do sistema (o aluno) se torna o algoz. Essa é uma visão muito pessimista, mas infelizmente é a realidade vivenciada por muitas famílias atualmente nos diversos sistemas educacionais.

Mas mudando o rumo da prosa, tenho a oportunidade como educador de ver o outro lado: dos professores/escola. Ao vivenciar o dia a dia do colégio, vejo as coisas um pouco mais nítidas. Em muitas ocasiões, contemplo um sistema educacional com: profissionais sobrecarregados com demandas burocráticas; necessidade de pessoal qualificado, mas nunca suprida; sobreposição de atividades para um mesmo professor, que tenta dar conta de dar aula, responder relatórios, cobrir a carência de outros professores e substituir colegas em situações especiais; e turmas com muitos alunos. Tudo isso acarreta na falta de tempo e estresse ao corpo docente, o que compromete a qualidade dos serviços, principalmente aos alunos incluídos. Neste caso, há necessidade de tempo para o planejamento e uma política interna que proteja e estimule estes momentos para a produtividade docente. Nestes últimos anos, ainda, sobrepôs a pandemia da COVID, há muito falado, e quem tem sido difícil para todos: aluno, professores, família e escola.

No entanto, precisamos estar atentos e ver que a deficiência está inclinada mais fortemente para o sistema de ensino educacional e seus atores do que para o estudante, pois “para se discutir inclusão escolar é preciso pensar, antes de tudo, em como melhorar a escola e o ensino para todos os

alunos.” (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2014, p. 123). Além dos problemas estruturais, logísticos, econômicos e de pessoal relatados, ainda temos o despreparo de professores para lidarem com estes alunos em sala de aula, a dificuldade para elaborar objetivos e metas, a falta de clareza sobre os apoios necessários e o pouco conhecimento para desenvolver propostas educacionais, as quais têm sido “uma fragilidade constantemente observada nas pesquisas” (GLAT; PLETSCH, 2013, p. 20-22). Há falta de metodologia de ensino adequada, carência de estratégias, pouco uso de práticas validadas cientificamente e desconhecimento da legislação específica da inclusão (COSTA, 2016). Muitas vezes “[...] a própria escola pode criar e produzir problemas de aprendizagem para as crianças [...] através de inadequação metodológica, precária qualificação do corpo docente, currículo inadequado, falhas no processo de avaliação, salas numerosas.” (SOUZA; SILVA, 2017, p. 63).

Mas, se focarmos a atenção apenas nestes dois cenários (famílias e professores/escola), corremos o risco de estagnar e ficar envolto em uma ressaca obscura que nos pode consumir a energia, principalmente a criatividade. Quero mostrar para os leitores outra paisagem, além da visão pessimista até aqui apresentada: a das *possibilidades*. Na perspectiva das diferenças, podemos identificar “famílias e famílias”, assim como “professores e professores”. Em meio ao caos de várias ordens, muitas vezes encontramos pessoas que são otimistas, criativas, sensíveis e engajadas. E isso faz toda a diferença. Algumas famílias ficam prostradas diante das dificuldades, é verdade. Mas, outras são proativas. Lembro da mãe da Temple Grandin que disse para sua filha: “Você é diferente, mas não inferior”, no filme Temple Grandin (HBO, 2010). Acredito que essa frase representa uma visão positiva da vida em relação ao filho com deficiência. Neste contexto, tenho encontrado pais fantásticos, incansáveis e desbravadores.

Durante uma pesquisa que realizei em 2021, tive a oportunidade de conhecer uma família de um menino autista de alto funcionamento, com nove anos de idade. A família era muito simples, com pouquíssimos recursos. O pai trabalhava durante a noite e a mãe cuidava de três filhos. A família morava em uma pequena casa de madeira, com bastante precariedade, em uma rua de difícil acesso em tempos de chuva. Ao visitar a família na sua residência, os pais me relataram que o filho com autismo gostava de criar maquetes de papelão sobre animais marinhos, pois tinha na ciência seu foco de interesse. Segundo os pais, o menino trocava o dia pela noite, quando passava muitas horas assistindo documentários científicos na televisão. Realmente, as criações do garoto eram impressionantes, com grande precisão na elaboração dos detalhes das maquetes dos animais.

Mas, independentemente da habilidade, o que mais me chamou a atenção foi a preocupação e o gesto do pai com seu filho. Este menino tinha um irmãozinho, de um ano e meio, que mexia em todas as coisas, principalmente nos objetos do irmão. Como a casa era pequena e não tinha portas nos quartos, o irmãozinho acabava tendo acesso a tudo e muitas vezes estragando as criações. Isso trazia muita angústia para o menino com autismo e o deixava muito irritado. Para resolver o problema, o pai construiu uma caixa de madeira (em formato de baú), bem simples e rústica, para que o filho pudesse guardar seus brinquedos e objetos com segurança. Colocou na caixa um suporte para cadeado e deu a chave para o filho guardar seus materiais. O baú foi colocado na sala da casa, abaixo da

televisão, onde o irmãozinho podia ver, mas não pegar os objetos. Por outro lado, o filho com autismo tinha total controle de seus pertencentes então, gerando estabilidade e organização emocional. Esta singela atitude do pai trouxe qualidade de vida para seu filho com autismo. Este gesto de amor e sabedoria do pai, em meio a tantas necessidades, foi uma das mais emocionantes experiências que já vivenciei. Embora o baú não fosse uma bela escultura, ou até mesmo não se encaixasse com a mobília da sala, toda vez que eu olhava para o baú, durante as visitas, sabia que tinha um significado muito importante para o menino e para a família.

Os professores também são fundamentais no processo de inclusão, seja qual for o ano em que pratique a sua docência. Seguindo com o relato de minha experiência pessoal, conheci professores fantásticos, desde o ensino fundamental até o ensino médio. Tenho encontrado docentes engajados e sensíveis que conseguem enxergar além do óbvio da deficiência, o potencial imanente do aluno. São tantas histórias incríveis e emocionantes que vivencio na escola, que me aventuro citar apenas algumas.

Um aluno com autismo do ensino médio deu a resposta corretamente para situações-problemas apresentadas pelo professor em aula, por três vezes seguidas, antes mesmo de qualquer outro colega responder, o que trouxe uma comoção inusitada para todos, pois ficaram surpresos com a assertiva e a velocidade das respostas, e aplaudiram em unânime o estudante (relato de um professor de Física, que ficou surpreso e emocionado com as respostas do aluno e a reação espontânea da turma/2022). Uma adaptação de prova muito interessante que colocava o nome das colegas e as turmas nas questões de análise combinatória, o que chamou atenção, assegurou o interesse e o empenho da aluna com autismo na realização da prova (feitos de um professor de Matemática/2022).

Uma professora modificou as suas aulas com mais suporte de imagens, jogos lúdicos e uma rotina pré-determinada para que a aluna com autismo pudesse acompanhar e não ficar ansiosa (feitos de uma professora de Biologia/2021). Uma avaliação muito criativa, em que a mesma professora solicitou para que a aluna com autismo expressasse através da arte (pintura) o que havia entendido sobre o processo de reprodução humana/gestação. Neste quadro, a docente pôde observar as estruturas comentadas em aula (útero, feto, cordão umbilical e anexo embrionários), e a aluna pôde demonstrar o que conseguiu entender, expressando à sua maneira o que havia sido lecionado no colégio (COSTA; GONÇALVES, 2022).

Foram feitas adaptações de atividades sobre calor, temperatura e relação entre escalas. Como esses assuntos envolvem muito cálculo matemático, e a aluna com autismo apresenta dificuldade na execução, a professora tornou o ensino o mais prático possível, com atividades do dia a dia. Disponibilizou um termômetro graduado (de -10 até 120°C) para a aluna levar para casa. Pediu que a estudante enchesse um copo com água quente e medisse a temperatura, fazendo o mesmo procedimento com um copo de água resfriada. Depois de um intervalo de tempo, precisava medir a temperatura. A estudante constatou que o mais quente havia esfriado e o resfriado havia aquecido, até chegarem à mesma temperatura, resultando no equilíbrio térmico. Desta forma, a professora pôde ensinar que, para o aumento de temperatura de um corpo, é preciso que ele receba energia e, ao

contrário, para a diminuição de temperatura, o corpo precisa perder energia. Para confirmar o aprendizado, segundo relato da professora, a aluna participou de uma gincana de perguntas em aula e, quando chegou a sua vez, ela prontamente respondeu de forma assertiva, e a sua turma celebrou aplaudindo-a. Em conjunto com as aulas em sala, também foram desenvolvidas experiências em laboratório, facilitando o aprendizado da aluna que, posteriormente, demonstrou generalizar para outros ambientes, ao replicar os experimentos em sua casa. Além deste método concreto e direto adotado pela professora, também se utilizou de um personagem infantil (o PINGU), de muito interesse da aluna, para elaborar as atividades e questões. Tornou essa personagem uma curiosa locutora, para que a aluna precisasse responder seus questionamentos sobre o conteúdo (feitos de uma professora de Física/2022).

O professor de música da escola providenciou adaptações para dois alunos com deficiência física, para participarem da banda durante as cerimônias. Uma delas foi a substituição do suporte de sustentação do instrumento musical, uma vez que o antigo machucava a perna do aluno, que tinha dificuldades motoras na perna esquerda, na mão e dificuldade de fala, mas muita vontade de participar. Outro aluno com dificuldades nas articulações também queria muito fazer parte da banda de música, mas, pela sua deficiência (nanismo), não podia treinar e executar os instrumentos existentes. Foram providenciadas adaptações na cadeira de rodas do aluno, de forma artesanal, mas eficiente. Em tal adaptação, o instrumento ficou fixado à altura do estudante para que ele pudesse executar o instrumento em sua cadeira (feitos de um professor de música/2019-2022).

O cenário das possibilidades é o que produz movimento nos processos inclusivos, a meu ver. Embora a inclusão seja um direito garantido em toda a sua extensão, sem essa perspectiva, corremos o risco de ter apenas uma prática engessada nas obrigações. Talvez, a forma mais eficiente de avançar nesta jornada seja adotar essa postura mais “positiva”. As possibilidades existem. Não é uma realidade platônica; basta olharmos com atenção e quereremos ver. Caso isso não seja o suficiente, deixo aqui um pensamento cultural mais transcendente, mas não inferior, de um poeta religioso que, em alusão ao valor intrínseco de cada pessoa, declara “Tua raridade não está naquilo que você possui ou o que sabe fazer, isso é um mistério de Deus com você” (Anderson Freire).

Dito tudo isso, deixo as considerações de reflexão para todos os leitores, sejam profissionais da educação, ou familiares. Entendo que possamos tirar nossos olhares das dificuldades que pairam sobre a inclusão e observar as riquezas e surpreendentes ações e atitudes que são conduzidas por pessoas com perspectiva de possibilidades.

### Referências:

COSTA, D. S. **Plano educacional individualizado: implicações no trabalho colaborativo para inclusão de alunos com autismo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2016.

COSTA, D. S., OLIVEIRA, G. P. **A cortina de fumaça na inclusão de alunos com deficiência.** *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 118 -134, jan/abr 2019.

COSTA, D. S, GONÇALVES, J. F. **Reconhecimento discente e ensino de biologia mediado pelo plano educacional individualizado para estudante com autismo no ensino médio.** VIIENECiências - Encontro Nacional de Ensino de Ciências, da Saúde e do Ambiente. Rio de Janeiro/RJ: UERJ, 2022. (aguardando publicação).

MARIN, M.; MASCARO, C. A. A. C.; SIQUEIRA, C. F. Plano educacional individualizado (PEI): um estudo sobre sua utilização numa escola especial. Publicado em: Glat, R., Pletsch, M. D. (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A, P. (Orgs). **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar.** São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014.

NUNES, L. R. O. P. et al. A prática pedagógica de mediadoras de alunos com deficiência física e dificuldades na comunicação em escolas do Rio de Janeiro. Publicado em: Glat, R., Pletsch, M. D. (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013.

GLAT, R., PLETSCHE, M. D. (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013.

SOUZA, C. R. S., SILVA, Z. G. O processo de inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem: um cenário de desafios e possibilidades. Publicado em: Pavão, A. C.O., Pavão, S. M. O. (Orgs). **Os casos excluídos da política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Santa Maria, RS: UFSM, PRE, 2017.

TEMPLE GRANDIN. [Filme-Video]. Direção de Mick Jackson. USA: 2010. (103 min.)